

Acidentes, contaminação e mortes na indústria brasileira de petróleo

A organização desta discussão no Fórum de Acidentes do Trabalho em 05 de dezembro tem se mostrado tragicamente atual. Na última semana de outubro duas mortes por acidentes de trabalho na cadeia produtiva do petróleo foram divulgadas pela imprensa sindical:

- Um trabalhador, o caldeireiro Sérgio Henrique de Faria Bandeira, 23 anos, empregado da terceirizada Manserv, faleceu após queda na qual bateu a cabeça quando atuava na retirada de mangote de água de hidrante para lavagem no permutador, na Refinaria Henrique Laje, Revap da Petrobrás de São José dos Campos.

- Outro trabalhador, cujo nome e empresa em que trabalhava não foram divulgados, morreu em Sergipe ao fazer uma solda num tanque de um caminhão de transporte de gasolina que explodiu, pois continha resíduo do produto, não tendo sido adequadamente lavado.



Segundo os vários jornais sindicais são mais de 12 mortes por acidentes este ano. É importante ressaltar que a morte ocorrida em Sergipe não é contabilizada nos registros sindicais como parte das mortes do sistema Petrobrás, ainda que denunciada pelo sindicato dos petroleiros daquele estado.

Estas mortes têm sido contabilizadas desde o final dos anos 90, quando os petroleiros foram surpreendidos pela postura da Petrobrás, que não reconheceu a morte de um trabalhador terceirizado como suficiente para modificar um cartaz de propaganda na porta da Repar, refinaria do Paraná, que anunciava o número de dias sem “acidentes com afastamento” nas fatídicas campanhas “Acidentes Zero”.

Após protestos e paralisações, espantados com esta prática de ocultamento de fatos tão dramáticos, os petroleiros começaram a rastrear a ocorrência destes acidentes em todo o país e descobriram então que a empresa mantém a média de mais de uma morte por mês. Apesar de alguma imprecisão na contagem, são pelo menos 320 trabalhadores mortos desde 1995, sendo 259 terceirizados e 61 próprios, considerando apenas os acidentes típicos.

ÓBITOS POR ACIDENTES DE TRABALHO TÍPICOS NAS UNIDADES DO SISTEMA PETROBRAS

Novembro - 2012 - atualizado

ANO	Óbitos no Brasil		Óbitos no Exterior		Somatório		TOTAL
	EFETIVOS	TERCEIRIZADOS	Efet.	Terc.	Brasil	Exterior	
*2012	01	08	-	-	09	-	09
2011	03	14	-	-	16	01	17
2010	03	07	-	-	10	-	10
2009	01	06	-	-	07	-	07
2008	04	14	-	-	18	-	18
2007	01	15	-	-	16	-	16
2006	01	06	-	02	07	02	09
2005	0	13	-	05	13	05	18
2004	03	14	-	01	17	01	18
2003	03	11	-	05	14	05	19
2002	03	15	-	03	18	03	21
2001	12	18	-	-	30	-	30
2000	04	14	-	-	18	-	18
1999	01	27	-	-	28	-	28
1998	10	22	-	-	32	-	32
1997	03	13	-	-	16	-	16
1996	05	11	-	-	16	-	16
1995	03	15	-	-	18	-	18

Entre 1995 e 1997, os dados de esta tabela foram informados pela Petrobrás. Somente a partir de 1998, a FUP passou a compilar as informações de acidentes fatais divulgadas pelos sindicatos.



TOTAL DESDE 1995 - **320**, sendo que **17** no exterior
ÓBITOS DE TRABALHADORES TERCEIRIZADOS DESDE 1995 - **259**
ÓBITOS DE TRABALHADORES EFETIVOS DESDE 1995 - **61**

Ainda no mês de outubro morreu Enivaldo Santos Souza, petroleiro da Rlam, Refinaria Lanulfo Alves da Petrobrás na Bahia, intoxicado por benzeno e acometido por uma Leucemia Mielóide Aguda. Sabemos que estes processos de contaminação se devem a intoxicações crônicas de longo prazo, ao longo da vida de trabalho em ambientes persistentemente contaminados. Acidentes com vazamentos são constantes e rotineiros e constituem um dos elementos fundamentais que compõem o pano de fundo do ambiente contaminado que intoxica e adocece trabalhadores da indústria do petróleo.

Anteriormente outro petroleiro desta unidade da Petrobrás havia apresentado um quadro semelhante de Leucemia. Em 2004 na Baixada Santista, o petroleiro Roberto Viegas Krappa, da Rpbrc, Refinaria Presidente Bernardes de Cubatão, faleceu também com uma Leucemia Mielóide Aguda do tipo Promielocítica. Em 2007 outro petroleiro da Rpbrc desenvolveu uma leucemia da qual se recuperou após quimioterapia.

Na sequência de acidentes ampliados por vazamento de petróleo ocorridos na passagem do século, dois dos trabalhadores terceirizados entre as centenas chamados a intervir na contaminação do Rio Araucária no Paraná no ano 2000, que entraram no rio sem qualquer proteção, vestimenta ou equipamento adequado, apresentaram quadro neurológico muito grave, com paralisia de membros e outras sequelas. Um destes trabalhadores faleceu poucos anos depois, o outro ainda apresenta o quadro decorrente da intervenção.

Nenhum desses casos foi reconhecido pela empresa como relacionado com o trabalho. Quando são emitidas Cats, isto é feito pelo poder público ou por sua determinação. A empresa não aceita o nexo e não concede os direitos específicos que os trabalhadores, especialmente suas famílias, teriam nos casos de morte por doença.

Enquanto discutimos os acidentes fatais, a contaminação e as mortes na Petrobrás, esta empresa vem se transformando numa grande corporação internacional e, como parte deste processo, ampliando seu monopólio do parque de refino de óleo para a indústria petroquímica brasileira. Para isto associou-se à Braskem, ligada a outra corporação internacional, a grande empreiteira Odebrecht, e criada com esta finalidade, associar-se à Petrobrás para a disputa com o mercado internacional. Com isto amplia-se a impenetrabilidade do sistema Petrobrás.

Ao mesmo tempo a nação discute a destinação da riqueza, ainda incerta, que virá do pré-sal. Há bastante disputa entre estados e políticos, ou melhor, entre políticos dos estados, sobre quanto caberá a cada um nesta partilha. A maioria da população não foi chamada ainda a manifestar-se.

Num momento em que há expectativa de grande crescimento da indústria do petróleo, que já está produzindo impactos importantes no litoral paulista e tende a aumentar ainda mais suas repercussões no ambiente e na saúde do trabalhador em todo o estado, esta discussão nos parece indispensável para o enfrentamento dos desafios que estão postos e tendem a aumentar.

Danilo Fernandes Costa

Mat.258.338/CRMSP-42.627